

Redes Sociais Pentecostais e “dependência química” no município de Rio Grande da Serra, periferia do Grande ABC Paulista

Pentecostals and Social Networks and “chemical dependency” in Rio Grande da Serra, on periphery of the Greater ABC Paulista

Claudio Pereira Noronha¹
clpnoronha@yahoo.com.br

Resumo

O município de Rio Grande da Serra, situado na região do Grande ABC paulista, apresenta um conjunto de características que nos permite classificá-la como uma região de *periferia urbana*, em que parcela da população está inserida em significativa situação de *vulnerabilidade social*. Nesse espaço urbano, um número expressivo de homens e mulheres (entre eles jovens) tem sido acometido pela dependência química – um dos grandes problemas das sociedades contemporâneas –, o que pode gerar tanto uma significativa desagregação familiar e social, como também a violência doméstica. Nesse sentido, o artigo analisará em que medida as redes formais como associações de recuperação de dependentes químicos e informais como cultos (especialmente os louvores), entre outros espaços eclesiais, próximas a esse grupo religioso, contribuem para amenizar a violência sofrida, em especial por seus familiares como cônjuges e filhos.

Palavras chaves: Vulnerabilidade social; dependência química; redes sociais pentecostais.

Abstract

Rio Grande da Serra city which is located in Greater ABC region presents a set of characteristics that allows us to classify it as a region of the *urban periphery*, where part of the population is present in meaningful *social vulnerability*. In urban areas, a significant number of men and women (including young people) have been affected by chemical dependency - one of the major problems of contemporary societies - which can generate both a significant family disruption and social, as well as domestic violence. In this sense, the article will examine how the networks, formal associations as recovery of drug addicts, and informal as cults (especially praise), among other venues Church, next to this religious group, contribute to alleviate the violence in specifically for his family as spouses and children.

Keywords: Social vulnerability - chemical dependency - social networks Pentecostal

¹ Doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo e integrante do grupo de pesquisa Religião e Periferia na América Latina (REPAL).

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar a atuação das igrejas pentecostais e as redes, formais e informais constituídas em seu entorno, no sentido de amenizar os problemas relativos à *dependência química* no Município de Rio Grande da Serra. Essa situação acomete um número crescente de homens e mulheres e, embora a situação envolva pessoas em diversas faixas etárias, muitos jovens estão expostos ao problema. Partimos do pressuposto que o consumo excessivo de álcool, tanto quanto de drogas ilícitas, extrapolam os problemas relativos à saúde², imbricando-se, no que tange ao tema em discussão, com as diversas formas de violência. Embora a “violência urbana” seja um elemento de enorme amplitude, focaremos aqui a questão a partir do uso de drogas (legais e ilegais), analisando suas consequências para o indivíduo (desagregação social) e as possíveis relações com a *violência doméstica*, cujas vítimas são, em sua maioria, mulheres e crianças.

O município de Rio Grande da Serra será nosso campo de análise, para esse trabalho, por suas características econômicas, sociais e geográficas, além de ser nosso campo de pesquisa tanto no mestrado (Noronha, 2010), como no doutorado. As igrejas pentecostais participam de nossa reflexão, tanto por sua expressiva inserção no município, como pelo fato de seus elementos doutrinários (crenças) e comportamentais (usos e costumes de santidade) contribuir de forma relevante para análise do tema.

Embora componham uma enorme diversidade de denominações, o que nos leva a pensar mais propriamente em *pentecostalismos*, as redes formadas a partir de suas igrejas têm tido papel importante em diversos aspectos sociais, especialmente nas periferias urbanas. No que concerne ao uso de drogas, as igrejas pentecostais, têm em geral um comportamento bastante assertivo, atuando de forma mais ou menos direta nesse que é um dos grandes problemas das sociedades contemporâneas. Como afirmam Camargo (1973) e Mendonça (2008), os grupos pentecostais, bastante adaptados à realidade urbana, sempre demonstraram grande capacidade de reestruturação social, em especial nos locais mais pobres.

² Segundo dados da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (SNPD), 2 bilhões de pessoas no mundo (acima de 15 anos) consomem bebidas alcoólicas, sendo quem em média 2 milhões morrem em decorrência de consequências negativas (Santos, 2010).

Rio Grande da Serra e a dependência química

Rio Grande da Serra é um dos sete municípios da região do Grande ABC paulista que também integra a Região Metropolitana de São Paulo (RMSP). Segundo o censo do IBGE (2000), este município possui aproximadamente 41 mil habitantes, compostos por uma parcela expressiva de mulheres (50,30%), negros (42%) e jovens (57,63%). Esses grupos em geral estão expostos à vulnerabilidade social, conceito este entendido como um conjunto de situações precárias (como renda, escolaridade, local de moradia, etc.) que podem levar ao deterioro do nível de vida de indivíduos ou grupos (Marques ; Torres, 2005). Conforme o *Índice Paulista de Vulnerabilidade Social*, toda a população de Rio Grande da Serra está inserida em taxas que vão de vulnerabilidade baixa até muito alta. 65,2% encontram-se em vulnerabilidade média e nenhuma parcela da população aparece nos índices de nenhuma ou muito baixa vulnerabilidade social. Como elemento de comparação (conforme tabela 1, abaixo), quando temos a região do Grande ABC como base de referência, vemos que 35,3% da população está inserida nos índices de nenhuma ou muito baixa vulnerabilidade social. Isso indica que a região do Grande ABC, a despeito de sua indústria e comércio, e de se constituir em um forte mercado nacional, possui seus *centros* e suas *periferias*.

Tabela 1. Índice de vulnerabilidade social de Rio Grande da Serra / Região do Grande ABC paulista - (%)

		Rio Grande da Serra	Região do Grande ABC
Grupo 01	Nenhuma vulnerabilidade	-	6,1
Grupo 02	Vulnerabilidade muito baixa	-	29,2
Grupo 03	Vulnerabilidade baixa	15,2	26,4
Grupo 04	Vulnerabilidade média	65,2	25,7
Grupo 05	Vulnerabilidade alta	6,2	3,4
Grupo 06	Vulnerabilidade muito alta	13,3	9,2

Fonte: IBGE – Elaboração: SEADE

Gomes e Almitrano (2005) apontam que os grupos sensíveis à vulnerabilidade social também estão mais vulneráveis ao desemprego, que no caso de Rio de Grande da Serra constitui-se ainda em uma dura realidade. Além de poucas indústrias³ ou mesmo

³ O município está inserido na Lei de Proteção aos mananciais (1976) o que dificultou (ou impediu) a criação de um parque industrial (Plano Diretor Participativo de Rio Grande da Serra, 2006).

um comércio reduzido, a população possui, comparado a outros municípios da região, baixa escolaridade, o que dificulta a obtenção de bons empregos mesmo fora da cidade. Tendo como base a teoria de Bourdieu (2007a, 2007b), podemos afirmar que parcela expressiva da população é possuidora de baixo *capital social*, conceito que o autor constrói considerando a soma do capital econômico e cultural de grupos ou indivíduos.

Para Bourdieu, as *redes sociais* possibilitam a elevação do capital social na medida em que as “relações duradouras” – construídas entre seus participantes -, tecem “vínculos” que geram, pelo menos potencialmente, um conjunto de “benefícios”, que podem ser materiais (emprego, renda, etc.) ou simbólicos (prestígio, força espiritual, etc.). É nesse contexto que as “redes sociais pentecostais” tornam-se importantes em nossa reflexão, nos permitindo avaliar os possíveis impactos de seu trabalho “religioso” e “social” junto à população mais carente.

E vale ressaltar que não são apenas os grupos citados acima (mulheres, negros e jovens) que devem ser incluídos entre os possuidores de baixo capital social, mas de forma geral, toda a população em Rio Grande da Serra está, de uma forma ou de outra, exposta há um conjunto de situações de risco, inclusive risco geográfico, por ser uma região com muitas encostas e várias ruas sem asfaltamentos ou saneamento básicos (Noronha, 2010). Embora não de forma determinante, esses elementos contribuem para que um conjunto de pessoas torne-se vulnerável aos diversos tipos de drogas, tanto no que se refere ao consumo, funcionando com uma forma de “aliviar” as tensões decorrentes dos problemas cotidianos (sejam sociais, profissionais, familiares, etc.), como a venda e distribuição motivadas pela falta de oportunidades de emprego e renda.

Não queremos dizer com isso que apenas o elemento socioeconômico esteja na base da dependência química. Para Santos (2010), que em seu trabalho dissertativo aborda mais especificamente a dependência às bebidas alcoólicas, há um elemento de socialização importante no processo que vai dos primeiros *goles* à *bebedeira*. Em geral, grupos como a família, amigos, colegas de trabalho, influenciam uma pessoa a enveredar pelo gosto de beber. Segundo Zaluar (2003), a experimentação de drogas, principalmente as ilegais, ocorre em eventos coletivos (e muitas vezes corriqueiros), como acampamentos, viagens e festas. O conceito de *habitus*, em Bourdieu (2007a), reforça essa premissa, sugerindo que nossos *gostos*, *preferências* ou *disposições* são

adquiridos socialmente e inculcados ao longo do tempo, de acordo com nossa trajetória de vida e a partir dos grupos ou classes sociais que participamos.

Ainda nessa linha de raciocínio, citamos Fontes (2008) que, ao analisar as redes sociais formadas em torno da migração nordestina, em São Miguel Paulista, detectou que havia redes que se formavam em torno dos botequins. Como afirma o autor, o consagrado e a sensação de companheirismo, proporcionado pelo ato de beber junto, reforçava um inestimável senso de comunidade e amizade entre frequentadores de bar (Fontes, 2008). Isso levanta questões interessantes como, por exemplo, quais redes são formadas nesses espaços de botequins e quais elementos materiais ou simbólicos estão envolvidos nesse processo. Embora sejam questões provocadoras, não poderemos aprofundá-las no âmbito desse trabalho.

No caso de Rio Grande da Serra, o conjunto de fatores descritos abaixo nos permite dizer que há um grande crescimento da dependência química. Eles não são determinantes e necessitam ser mais bem avaliados, mas servem como “ponto de partida” para o que pretendemos discutir nesse ensaio.

1) Bares, lanchonetes ou “botecos” estão espalhados em grande número pela cidade. Em certos bairros é possível encontrar vários em uma mesma rua. Tendo em conta que todos estão em geral cheios, especialmente nos finais de semana, podemos considerar que há consumo excessivo de bebidas alcoólicas, sem contar ainda que esses locais também são facilitadores para o contato (consumo e distribuição) com outros tipos de drogas.

2) Há uma preocupação crescente por parte das igrejas com o aumento do número de jovens (homens e mulheres) envolvidos com drogas, o que tem estimulado a criação de grupos e associações para tratar dessa questão. Essa preocupação é na verdade generalizada, pois muitas ações sociais no município, não apenas no âmbito religioso, mas também por iniciativas de outros movimentos sociais, procuram retirar os jovens das ruas por entender que se tornam vulneráveis às drogas.

3) Em contato com o *Conselho Tutelar* da cidade, identificamos que é grande o número de mulheres que recorrem a esse espaço dentro do município, até por falta de opções, para denunciar agressões de seus maridos. Em boa parte o álcool, dentre outras drogas, está, segundo as vítimas, associado à violência sofrida.

Dependência química e violência doméstica

A *violência urbana* explicita-se de muitas formas, através de muitas faces e dimensões, ocupando diariamente um espaço privilegiado nos diversos meios de comunicação. Ressalta-se, no entanto, que a *violência* muitas vezes se reduz, no discurso construído pelos veículos midiáticos, a uma ação de pequenos e médios delinquentes que habitam as regiões mais pobres (Zaluar, 2003), o que cria o estigma de uma população (naturalmente) violenta. Se oculta frequentemente que justamente aqueles que habitam as periferias são os mais vulneráveis às diversas formas de violência. Como afirma Green, “a ameaça da violência é lugar-comum para pessoas afetadas pela pobreza” (2009, p.289). Em nosso entender a pobreza em si já é uma forma de violência por toda a carência que produz. Isso é intensificado quando habita-se locais em que há ausência de coisas essenciais, como oportunidades de emprego e renda ou mesmo estruturas de saneamento básico, de educação e saúde.

Esse contexto torna-se propício para o contato com as drogas (seja o consumo ou o tráfico), o que invariavelmente leva o indivíduo à desagregação familiar e social. O dependente químico, em geral, tem grandes dificuldades de manter a convivência dentro de casa, na escola ou no emprego. Isso porque é comum tornar-se agressivo e pouco afeito às regras familiares e sociais. Como as famílias (ou mesmo grupos de amigos ou profissionais) não estão preparadas (principalmente no aspecto psicológico) para enfrentar a questão, não são raros os desentendimentos e rompimentos no interior desses grupos.

Em uma conversa com uma líder espiritual umbandista, em Rio Grande da Serra, vimos que em sua percepção, um dos grandes problemas do uso de drogas, principalmente pelos jovens, está na falta de diálogo e comunicação dentro da própria família. Em seu *Centro de Umbanda*, recebe um número expressivo de jovens envolvidos com drogas e sente que muitos não têm apoio em casa.

As consequências sociais não atingem somente o alcoolista, atingem também sua família, seus amigos, seu trabalho e o meio em que vive. Sobre o impacto que a Síndrome de Dependência do Álcool causa à sociedade destaca a violência. Sabe-se que o consumo abusivo de bebidas alcoólicas é um facilitador para a violência deixando o alcoolista vulnerável às ações de violência e ao mesmo tempo pronto a cometer um ato violento (Santos, 2010, p.63).

No caso da violência doméstica que está, em sua grande maioria, associada à violência contra a mulher ou mesmo crianças, podemos caracterizar como violência de gênero. Isso porque há uma “naturalização” desse processo, simbolizado pela total obediência da mulher e dos filhos ao marido que é visto como o provedor da família, imbuído por isso do “direito de ser violento”. Como sugere Farris, “de modo geral, dentro das teorias de conflito, a violência é entendida como forma de comunicação, ou expressão de poder” (2003, p.191). Como afirma Bicalho (2002), a violência de gênero baseia-se nas relações desiguais hierarquizadas entre o homem e a mulher, definindo o que cada um pode ou não pode, nos espaços sociais como família, trabalho, educação, etc. “O discurso de gênero é um instrumento de ordenação do mundo e faz enquanto reorganização da diferença sexual” (Bicalho, 2002).

Para Green, a violência contra mulheres e crianças ainda são amplamente aceitas em nossas sociedades (2009, p.289), mesmo com os avanços na legislação⁴. Essa permissividade é encontrada, por exemplo, na ideia simbólica de que “em briga de marido e mulher, ninguém mete a colher”, o que indica, mesmo que de forma implícita, que a violência é aceita, pois todos sabemos que essas discussões não se limitam necessariamente a discussões verbais. Isso é corroborado por matéria na *Revista Problemas Brasileiros* (1999) que indica que, em muitos casos, o espaço doméstico apresenta mais risco para a mulher do que o espaço público.

E por que isso ainda acontece? Porque se construiu uma ideia *simbólica* de que o masculino, representado pela força e pela razão, tem mais valor do que o feminino, em que se atribui adjetivos como fraqueza e emoção, pouco valorizadas na *sociedade moderna*. É o que comenta Giffin:

A crescente consciência quanto às enormes diferenças atribuídas à sexualidade de homens e mulheres nos ajuda a desvendar as relações íntimas entre a tradição de pensamento dualista mais geral na sociedade ocidental e as ideologias de gênero, onde idéias sobre masculino/feminino são refletidas/imbutidas também nos conceitos de cultura/natureza, razão/emoção (...). (1994, 150-151)

⁵ Segundo dados da ONU, estima-se que pelo menos uma, em cada três mulheres, sofreu abuso físico ou sexual em algum momento de sua vida (FNUAP, 2000).

Destaquemos, pois, que segundo o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID), 52% dos casos de violência doméstica estão ligados ao consumo de álcool pelo espancador. Isso não significa que o álcool é o elemento estimulador da violência, mas contribui para a exacerbação da mesma. Embora haja uma predisposição causada por uma estrutura social que permite e estimula atos violentos, o álcool poderá potencializar o desejo e o ato. Vale ressaltar que todo esse processo causa muitas rupturas nos vínculos afetivos de forma geral, produzindo muito sofrimento (Santos, 2010) e inevitáveis desestruturas familiares.

Segundo as informações passadas pelo *Conselho Tutelar* de Rio Grande da Serra, muitas mulheres são vítimas da violência dos maridos, em grande parte associados a algum tipo de vício. Como não há na cidade uma estrutura, como por exemplo, uma delegacia especializada que receba e acompanhe esses casos, é para o Conselho que se dirigem. Por todo o contexto social em que essas mulheres vivem, como baixos capitais econômico e cultural, representados pela falta de renda, opções de moradia ou mesmo pouca informação sobre seus direitos, sujeitam-se (na maioria das vezes) à situação de violência.

As Igrejas Pentecostais

Como então se encaixam as igrejas pentecostais no panorama descrito acima? Como seu trabalho, religioso e social, contribui para amenizar a situação da dependência química nos aspectos abordados? Como afirma Mariano (1999), entre outros autores, é improvável falar em elementos de culto, doutrinários e principalmente de *usos e costumes* pentecostais, como formadores de um conjunto de práticas rígidas e heterogêneas. Isso porque nas últimas três ou quatro décadas surgiram denominações que romperam demasiadamente com o *ethos* de um *pentecostalismo clássico*, baseado no estereótipo do *crente* vestido de terno e gravata, no caso dos homens, ou saia e cabelos cumpridos, no caso das mulheres, indo para o culto com uma Bíblia nas mãos.

Por outro lado, não estamos totalmente impossibilitados de apontar aspectos que identifiquem um *comportamento pentecostal*, pelo menos em teoria. Isso porque o processo do *tornar-se* pentecostal exige, mesmo em tempos atuais, um conjunto de sacrifícios para aquele que aceitou o *Espírito Santo* em sua vida. Entre os exemplos estão: não beber, não fumar, não cometer o adultério, etc. Entendemos que para muitos

fiéis, isso tem grande impacto e importância, o que certamente é cumprido à risca. Como salienta Mesquita, “Os pentecostais geralmente são reconhecidos pela ênfase em atributos morais. Nessa perspectiva, ser definido como [crente] e [evangélico] é ser incluído em uma categoria social que possui atributos morais” (2009, p.101).

Também os elementos constitutivos dessas expressões religiosas ajudam a explicar, ainda hoje, sua capacidade de aglutinar pessoas em determinados espaços sociais. Entre eles está o fator emocional fortemente engendrado nos cultos regulares. Especialmente através da *palavra* e dos *louvores*, que contribuem para uma *força espiritual*, o fiel obtém elementos que o ajudam a ultrapassar muitos obstáculos. É importante frisar que o louvor tornou-se um espaço privilegiado para os jovens, que o ocuparam muito em decorrência da generalização do *movimento gospel*. No caso de Rio Grande da Serra, cidade em que as opções de lazer são escassas, o espaço do louvor tornou-se uma alternativa de encontro entre e para os jovens. Na Igreja Brasil para Cristo, por exemplo, em que há um *grupo de jovens* ligados ao trabalho do louvor bastante estruturado na igreja, segundo relato da coordenadora, há meninos e meninas que deixaram as drogas após participação nesses trabalhos.

A música, em seus diversos ritmos (incluindo o *rock*, *rap*, *samba*, etc.), ocupa cada vez mais espaços no meio evangélico, em especial entre os jovens (Tavarez e Camurça, 2004). O chamado “louvorzão” anima muitos eventos em que os jovens podem se descontraír ao som da música Gospel. Meinerz (2004) em uma pesquisa com jovens mineiros da Igreja do Evangelho Quadrangular aponta para uma relação intensa entre a música (*Gospel*) e a oração. Quanto mais prestígio o artista tem entre os jovens, mais emocional é o culto. Disso resulta que o louvor atrai cada vez mais os jovens para o interior das igrejas.

No entanto, não apenas o louvor, mas a participação no culto (de forma geral), como também nos grupos ou encontros de mulheres, jovens, casais, entre outros, já se constituem de uma prática associativa, que permitem a criação de vínculos entre aqueles que têm uma participação duradoura, formando *redes* de sociabilidade e ajuda mútua. Nesse sentido, as redes religiosas têm se destacado especialmente nas periferias urbanas, locais onde se encontram muitas carências. Assim o afirmam Almeida e D’Andreia: “Nesse emaranhado de redes sociais destacam-se as de caráter religioso, que constituem o vínculo associativo de maior alcance na favela, assim como na própria

Região Metropolitana de São Paulo, sobretudo entre as camadas mais pobres” (2004. p.94).

Entre as redes religiosas que mais crescem e se fortalecem, nas favelas e periferias, estão as redes pentecostais, que atuam nas mais diversas frentes e contribuem tanto para resolver questões materiais (como falta de emprego ou alimentos) como as simbólicas (força espiritual, etc.). É muito interessante que o(s) pentecostalismo(s) reveste-se de igrejas altamente diversificadas. Embora seja muito expressiva a inserção das igrejas clássicas, como Assembleia de Deus e a Congregação Cristã, poderemos encontrar nas periferias um *sem número* de outras pequenas igrejas.

Ainda sobre as redes religiosas, Almeida e D’Andreia (2004) têm a dizer o seguinte:

Constatou-se que esses vínculos religiosos – de parentesco, de vizinhança, entre conterrâneos, com instituições religiosas e do Terceiro Setor – constituem redes sociais pelas quais circulam benefícios materiais (por vezes em forma de informações e contatos) e afetivos (amizades, matrimônios, apoio emocional, etc.) que contribuem para fomentar a integração socioeconômica dos membros daquela comunidade, atenuando a sua condição de vulnerabilidade (Almeida e D’andreia, 2004. p.94).

Pentecostalismo e relações de gênero

Podemos analisar ainda a participação dos pentecostais, no âmbito de nosso trabalho, em outra esfera: a hierarquização social. Como observa Camargo (1973) o patriarcalismo, dominante em nossa sociedade, mostrou-se bastante tolerante a determinadas condutas masculinas. Um exemplo disso é o adultério, aceito, de uma forma ou de outra, mesmo que veladamente. Assim, o protestantismo (questão herdada pelo pentecostalismo), equilibrou em certo sentido – e pelo menos em teoria –, as relações sociais dentro da família, pois todos passaram a ter uma conduta moral rígida a ser seguida, inclusive os homens, estabelecendo uma nova perspectiva social e cultural. Isso não pressupõe uma ruptura com o patriarcalismo⁶, mas sugere que houve uma diminuição na permissividade masculina em muitos aspectos, devido às regras morais válidas para todos. Isso porque o sentimento de *pertencer em Cristo* e o afastamento dos hábitos anteriores representavam uma radical mudança em suas vidas (Camargo, 1973).

6 Sánchez e Ponce sugerem que embora a Reforma Protestante tenha trazido algumas mudanças na relação homem-mulher, descartando-se, por exemplo, a superioridade do celibato nos varões religiosos, as considerações teológicas, política e sociais a respeito da mulher não sofreram grandes alterações. Embora a crença de que o “cristão” não esteja sujeito a ninguém, a mulher continua submissa ao homem (1996, p.194-195).

Nesse tema, Sánchez e Ponce (1996) reforçam que a mulher nas igrejas pentecostais ainda tem papel subalterno. Na maioria das igrejas, são poucas as mulheres que ocupam cargos de direção, limitando-se a organizar trabalhos de menor relevância ou exercer cargos de secretaria (geralmente destinado à mulher), o que demonstra grande hegemonia masculina. Os autores concordam, no entanto, que já existam igrejas pentecostais com uma visão diferenciada, em que a mulher tem mais espaço, assumindo inclusive cargos de pastoras. Nesses locais, há também maior discussão sobre o papel da mulher na sociedade. Essa ambiguidade é sugerida também por Bicalho (2002) na medida em que entende a religião como um espaço que reproduz as relações assimétricas (de gênero) da sociedade, mas ao mesmo tempo, torna-se para muitas mulheres um local de refúgio e esperança em situações de sofrimento.

Em nosso entender, toda essa discussão aponta para uma relação diferenciada no que diz respeito à relação violenta entre homem-mulher. Embora ainda haja a *violência simbólica* pautada na valorização do masculino em relação ao feminino, a violência física diminui. Pensamos que isso é possível, partindo principalmente do pressuposto que o *ethos* pentecostal carrega em si a noção de harmonia e respeito familiar. Embora passível de críticas, a própria estrutura familiar, na *visão de mundo* pentecostal, prevê que a mulher seja responsável pela harmonia no lar, o que talvez possibilite relações menos violentas.

No que se refere às relações hierárquicas no âmbito socioeconômico, Mafra (2009) sugere que o catolicismo (religião predominante em nossa cultura) muitas vezes não conseguiu dar respostas eficazes diante de determinadas situações sociais, mantendo a *ordem simbólica* dos que podem mais e dos que podem menos. O pentecostalismo, por outro lado, reordenou o modo como as camadas populares passaram a se inserir e circular nas regiões urbanas. Há nesse sentido um rompimento dessa *ordem* nas relações sociais e hierárquicas, estruturada na ideia do acesso do crente a Deus (através do Espírito Santo), que desfaz os sentimentos de inferioridade social. Isso faz do crente alguém que tem uma força maior para enfrentar os problemas sociais, entre eles, a questão das drogas.

Mesquita (2009) também aponta para essa direção quando cita a crença dos pentecostais na atuação do Espírito Santo, que além dos *dons miraculosos* e *curativos* exerce direção nas escolhas pessoais e profissionais dos fiéis. E ao citar a atuação do

pentecostalismo em favelas no Rio de Janeiro, a autora destaca que esses grupos reforçam identidades baseadas em um conjunto de experiências sociais e religiosas, que os colocam em *distinção moral* com relação aqueles que estão no tráfico. Isso nos permite considerar que a *conversão* pentecostal contribui para o afastamento do crente, seja do tráfico, seja do consumo.

A citação abaixo destaca bem a ideia:

Entre os pentecostais, a valorização da ideia de proteção e unção divina, estabelece traços diferenciados que os singularizam e produzem uma autoimagem particular que incube o fiel de coragem para enfrentar situações adversas, muitas vezes associadas à influência do mal, levando-o a reafirmar suas crenças e seus valores. (...) Um aspecto importante que decorre desse argumento é a questão da legitimidade de representação da visão e dos modos de vida dos pentecostais nas favelas, pois segundo os relatos dos fiéis entrevistados, nas experiências sociais cotidianas eles deparam com a criminalidade violenta, alguns membros do tráfico foram criados na localidade, ou lá se estabeleceram pela atuação no tráfico de drogas (Mesquita, 2009, p.97).

As igrejas Pentecostais e o dependente químico

No que diz respeito à posição das igrejas pentecostais em relação ao dependente químico, existe um componente que se destaca. As denominações pentecostais aceitam, com maior facilidade, ex-dependentes em sua membresia. Mais do que aceitá-los, é comum vermos ex-dependentes – o que também ocorre com ex-presidiários – assumirem cargos dentro da hierarquia da igreja. Muitos pastores ostentam com orgulho o fato de terem sido dependentes (ou mesmo traficantes) e agora servirem a Deus. Um exemplo disso seria uma igreja pentecostal em Santana do Parnaíba em cuja membresia há 40 ex-membros do PCC.⁶

Isso ocorre em diversos espaços e de muitas maneiras. Acima já citamos o espaço do louvor. Esse, através de um trabalho de membros (em geral jovens) das igrejas, consegue aglutinar um grupo (diversificado) em seu entorno. Seja de maneira bastante informal ou mais estruturadamente nos “ministérios de louvor”, relatos mostram que muitos daqueles que já estavam envolvidos, ou pelo menos vulneráveis, no consumo de drogas mudaram seu comportamento após a aproximação do trabalho eclesial. É um fato que em Rio Grande da Serra não há muitos espaços de lazer, e assim,

⁶ Conforme exposto por Fajardo em comunicação apresentada no 3º Congresso da ANPTECRE (abril/2011).

os bares e botecos tornam-se lugares propícios para o álcool e as drogas. Então, os cultos (louvores) têm ocupado esse espaço.

Além disso, algumas igrejas, na figura dos missionários, realizam trabalhos informais para o combate às drogas. Recentemente conhecemos um membro de uma igreja pentecostal, ex-detendo e ex-dependente químico, que vai às praças e vielas da cidade para pregar “a palavra” àqueles e àquelas que já estão envolvidos com drogas. Após passar doze anos preso por homicídio, tornou-se evangélico e além desse trabalho com dependentes químicos, visita presídios para evangelização. Além disso, arrecada alimentos para doar a uma entidade (*Luz do Cárcere*) no município que trata da dependência.

Outra entidade importante na cidade é a associação⁷ *Força Jovem*, fundada em 26.01.95, que atua em problemas de toxicomania e alcoolismo (Noronha, 2010). A associação está situada no bairro Oásis Paulista, entre os bairros Santa Tereza e Parque América, e abriga homens de todo o município, bem como de outras cidades. Embora o público atendido seja masculino, há a preocupação de abrigar também mulheres, o que demonstra a preocupação pelo crescimento da dependência entre elas. A instituição é coordenada de forma voluntária por fiéis de igrejas evangélicas (mais especificamente as igrejas Assembleia de Deus, Batistas e Presbiterianas), e o fato mais importante é que muitos foram dependentes químicos. O trabalho da instituição é recuperá-los e devolvê-los à sociedade, embora haja um trabalho indireto de evangelização, principalmente através de cultos regulares que ocorrem dentro da instituição. Embora não possuam uma estrutura de acompanhamento *pós-recuperação*, afirmam que um número expressivo de pessoas que já passou pelo tratamento obteve bons resultados.

Considerações finais

De tudo o que foi dito acima é importante reforçar o seguinte: consideramos que as diversas igrejas pentecostais e suas redes, no município de Rio Grande da Serra, atuam positivamente nas situações de dependência química – fato de atual relevância devido ao crescimento que se tem notado nessa questão e, conseqüentemente, nas situações de violência que a circundam conforme o que segue abaixo:

⁷ Além das entidades no campo evangélico, há também na cidade trabalhos no campo católico, como por exemplo, a associação de recuperação de alcoólicos (A.R.A) ligada à Paróquia de São Sebastião.

1) O comportamento (teológico-doutrinário) pentecostal possui um potencial significativo para afastar sua membresia do consumo ou tráfico de drogas, pelo menos de forma excessiva (a ponto de causar dependência), impactando positivamente no sentido de contribuir para maior estruturação familiar. Esses elementos pressupõem, pelo menos em teoria, menor incidência em termos de violência doméstica – se entendermos que o uso de drogas pode estimular esse ato. Isso porque impõem também aos homens condutas morais rígidas que diminuem (isso é o que se espera), os comportamentos violentos.

Não podemos excluir a possibilidade de uma conduta mais *austera* ter impactos também no comportamento das mulheres, se pensarmos que há situações em que mães têm comportamentos violentos com seus filhos quando estão sob o efeito de drogas.

2) O culto pentecostal, através do contato com o Espírito Santo, fortalece o fiel para vencer os obstáculos (materiais ou simbólicos), o que lhe deixa menos vulneráveis às drogas (consumo e distribuição). As redes formadas em torno dos cultos e outras práticas dentro da igreja, como grupos ou ministérios, discutem e contribuem com trabalhos específicos para membros ou simpatizantes que estejam na condição de dependência química. Nesse caso, destacamos os espaços de louvor dentro das igrejas pentecostais.

O momento do louvor dentro do culto permite aos membros se “expressarem”, “darem testemunhos”, etc., o que não é pouco significativo, pois em certos casos, há uma “quase” divisão da palavra com os pastores e obreiros, tornando-se assim um espaço privilegiado para os jovens também se mostrarem artisticamente. Em regiões pobres, cuja escassez de espaço de lazer é grande, como em Rio Grande da Serra, qualquer alternativa torna-se de grande relevância, pois tornam os jovens menos vulneráveis às drogas.

3) Por fim, as igrejas evangélicas em geral formam associações que trabalham para a recuperação de dependentes químicos, como é o caso da *Associação Força Jovem e Luz da Cárcere*. Embora muitos desses trabalhos estejam num contexto de evangelização, pois os pentecostais não têm nenhum problema em ter ex-dependentes em sua membresia, não diminui sua importância se considerarmos o potencial de recuperação e ressocialização que podem produzir.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Ronaldo de e D'ANDREA, Tiajuru. "Pobreza e redes sociais em uma favela paulista", *Novos Estudos*, n.68, p.94-106, 2004.

BICALHO, Elizabete. "Gênero, Violência e Religião – Uma alquimia [perfeita]". In: *Revista Mandrágora*, Universidade Metodista de São Paulo, ano 07.n.7/8, p.89-98, 2001/2002 (Parte I – Violência, gênero e religião).

BOURDIEU, Pierre. *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007a.

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas, SP: Ed. Papirus, 2007b.

CAMARGO, Cândido P. F. de. *Católicos, protestantes, espíritas*. Petrópolis/RJ: Ed. Vozes, 1973.

FARRIS, James Reaves. Conflito Moral e Religião: universos morais, valores definitivos e teorias de conflitos. *Estudos de Religião*, Ano XVII, n° 25, São Bernardo do Campo, jul-dez/2003, p.184-2006.

FONTES, Paulo. *Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003.

GIFFIN, K. Gender Violence, Sexuality and Health. *Caderno Saúde Pública*, Rio de Janeiro, (suplement 1): 146-155, 1994.

GOMES, Sandra e AMITRANO, Claudio. In: MARQUES, Eduardo e TORRES, Haroldo (Orgs.). São Paulo: segregação pobreza e desigualdades sociais. São Paulo: Ed. SENAC, 2005, Cap. 7, p.169-194.

GREEN, Duncan. *Da pobreza ao poder: como cidadãos ativos e estados efetivos podem mudar o mundo*. São Paulo: Ed. Cortez; Oxford; Oxfan Internacional, 2009.

MAFRA, Clara. Distância territorial, desgaste cultural e conversão pentecostal. In: MAFRA, Clara e ALMEIDA, Ronaldo. *Religiões de Cidades: Rio de Janeiro e São Paulo*. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2009.

MARIANO, Ricardo. *Neo Pentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*, São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARQUES, Eduardo e TORRES, Haroldo (Orgs.). São Paulo: segregação pobreza e desigualdades sociais. São Paulo: Ed. SENAC, 2005.

MEINERZ, Nádia Elisa. "Sexo, oração e rock'and'roll: um estudo antropológico das percepções de sexualidade de jovens a partir da vivência religiosa". In: *Revista Numen*, Universidade Federal de Juiz de Fora, v.7, n.1, p.123-144, jan.jul/2004.

MESQUITA, Wania. "Os pentecostais e a vida em favela no Rio de Janeiro". *Estudos de Religião*, v.23, n.37, São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, jul./dez. 2009, p.89-103.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa de. *Protestantes, pentecostais & ecumênicos: o campo religioso e seus personagens*, 2° ed. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2008. (organização da edição dos textos, CAMPOS, Leonildo Silveira).

NORONHA, Claudio Pereira. *Religião e Capital Social na periferia urbana do Grande ABC Paulista: uma análise das redes sociais pentecostais no município de Rio Grande da Serra*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

Plano Diretor Participativo de Rio Grande da Serra, 2006.

Revista dos Problemas Brasileiros, nº 336, nov/dez 1999, p.26-29.

SÁNCHEZ, Ana Lúcia e PONCE, Osmundo. A mulher na Igreja Pentecostal: abordagem inicial à prática religiosa. In: GUITIERREZ, Benjamim F. e CAMPOS, Leonildo Silveira (Orgs.). *Na força do Espírito: os pentecostais na América-Latina: um deságio às igrejas históricas*. São Paulo: Associação Literário Pendão Real, 1996.

SANTOS, Tarcísio dos. *Religião e Alcoolismo - Estudo da Prática Pastoral da Igreja Metodista Frente a Síndrome da Dependência do Álcool à Luz do Credo Social*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2010.

TAVARES, Fátima Regina Gomes e CAMURÇA, Marcelo Ayres. “[Juventudes] e religião no Brasil: uma revisão bibliográfica”. In: *Revista Numen*, Universidade Federal de Juiz de Fora, v.7, n.1, p.11-46, jan.jul/2004.

ZALUAR, Alba (apresentação) In: PEREIRA, Luiz F. A. *De olhos bem abertos: redes de tráfico em Copacabana*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2003 (violência, cultura e poder).